

IMAGINE UMA TARDE CHUVOSA... PESQUISAS SOBRE AMBIÊNCIA, ALTERIDADE E AFETO¹

*IMAGINE UNA TARDE DE LLUVIA:
INVESTIGACIONES A RESPECTO DE AMBIENTE, ALTERIDAD Y AFECTO*

*IMAGINE A RAINY AFTERNOON ...
RESEARCH ON AMBIANCE, OTHERNESS AND AFFECTION*

Eixo 2: O lugar da teoria, da crítica e da história no projeto

Cristiane Rose Duarte

Doutora, Professora Titular da UFRJ

Ethel Pinheiro

Doutora, Professora Adjunta da UFRJ

Resumo: Alguns resultados de trabalhos desenvolvidos no campo das pesquisas de ordem empírica/sensorial em arquitetura apontam para a grande importância de se 'corporificar' as cidades, ou seja, analisá-las de acordo com as ambiências urbanas. O Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura (LASC) tem buscado este foco, penetrando e sondando as cidades, regiões e bairros, nas pequenas e médias escalas de vivência, a fim de compreender as experiências sensíveis compartilhadas na construção de sentimentos e de sentidos de pertencimento dos usuários das cidades. Visto que a interação do ambiente com o Homem (enquanto ser cultural) permite a construção e o planejamento de territórios mais diversificados, agradáveis, propícios ao convívio, à segurança e abertos aos processos de des-hegemonização da arquitetura, pode-se afirmar que as 'ambiências' (enquanto conceito e campo de conhecimento) possuem relação direta com o afeto e com o reconhecimento do Outro na urbe. Dentro desta abordagem, este artigo visa expor o trabalho de delineamento de três conceitos caros às pesquisas em curso no LASC: Ambiência, Afeto e Alteridade, expostos através de recentes trabalhos produzidos pelo grupo de pesquisa.

Palavras-chave ambiências, cidade, afeto, alteridade.

Resumen: Algunos resultados de los trabajos realizados en el campo de la investigación de orden empírico/sensorial en arquitectura señalan la gran importancia de "encarnar" las ciudades, es decir, de analizar de acuerdo con las ambiencias urbanas. El Laboratorio Arquitectura, Subjetividad y Cultura (LASC) ha seguido este enfoque, con la penetración y la exploración de las ciudades, las regiones y los barrios, en pequeñas y medianas escalas de experiencia con el fin de comprender las experiencias compartidas en la construcción de los sentimientos y sentidos de pertenencia de los usuarios de las ciudades. Dado que la interacción del medio ambiente con el hombre (mientras que ser cultural) permite la construcción y la planificación de territorios más diversos, agradables, propicios para la vida, la seguridad y abiertos a los procesos de de- homogeneización de la arquitectura, se puede decir que las 'ambiencias' (como concepto y conocimiento) tienen una relación directa con el afecto y el reconocimiento del Otro en la metrópoli. Dentro de este enfoque, este artículo tiene como objetivo exponer el trabajo de tres conceptos de diseño queridos a la investigación en curso en LASC: Ambiencia, Afecto y Alteridad, que están expuestos en obras recientes producidas por el grupo de investigación.

Palabras clave: ambiencias, ciudad, afecto, alteridad.

Abstract: Some results undertaken in the research field of empirical/sensorial order in architecture point to the great importance of 'embodying' cities as a way of highlighting them according to urban ambiences. The Lab 'Architecture, Subjectivity and Culture' (LASC) has pursued this focus, penetrating and probing the cities, regions and neighborhoods in small and

¹ Este trabalho é resultante de pesquisas apoiadas pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e teve a colaboração dos pesquisadores do LASC, notadamente de Alice Brasileiro e Paula Uglione, a quem as autoras agradecem. Agradecemos também a Ana Paula Boni e a Tito Cals de Almeida.

medium scales of experience, in order to understand the experiences shared in the construction of sensitive feelings and senses of belonging of city users. Since the interaction of the environment with the man (as a cultural being) allows the construction and planning of more diverse, pleasant, open and secure territories – in the end, always open to the processes of de-homogenization of architecture - one can say that 'ambiances' (as a concept and field of knowledge) have a direct relationship with the affection and the recognition of the Other in the metropolis . Within this approach, this paper aims to expose the work of three dear concepts to the ongoing research in LASC : Ambiance , Affection and Otherness, accomplished by recent works produced by the research group .

Keywords: ambiances, city, affection, otherness

IMAGINE UMA TARDE CHUVOSA...

PESQUISAS SOBRE AMBIÊNCIA, ALTERIDADE E AFETO

INTRODUÇÃO

Feche os olhos e imagine uma tarde chuvosa. Pense nas cores das nuvens do céu, no cheiro de terra molhada, no barulho da chuva... veja os passos das pessoas correndo para não ficarem molhadas com a tempestade (uma pequena multidão se amontoa sob a marquise da padaria esperando a chuva passar, para a felicidade do comerciante); escute o som dos carros passando sobre a lama. Pense em como é belo o brilho da iluminação das ruas quando refletida no asfalto molhado criando nesgas de luz pelas ruas... sinta a umidade do ar, o vento frio; ouça os gritos alegres das crianças brincando de pisar nas poças e seja quase "despertado" com um grito de uma mãe repreendendo o menino que vai pegar um resfriado...

Com as linhas acima buscamos ilustrar o conceito de Ambiência Sensível, objeto que está no centro dos estudos desenvolvidos pelo Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura (LASC)², do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da FAU/UFRJ. Se procuramos iniciar este texto evocando a imaginação do leitor foi porque as teorias e os conceitos definidores de Ambiência ainda não conseguiram superar a riqueza das experiências que o termo suscita. Como diz Augoyard (2007:33) a Ambiência é algo muito fácil de sentir, ao mesmo tempo em que explicá-la é o que há de mais difícil.

Pode-se também iniciar a definição do conceito de Ambiência por uma explicação mais pragmática: Ambiência seria o lugar urbano somado de tudo o que o envolve: os sons, os cheiros, a temperatura, o movimento das pessoas, a luz. Mas, nesse caso, a lista seria imensa e teria que iniciar no suporte espacial constituído pelo lugar urbano e terminar em dados memoriais, indentitários e culturais, passando obviamente por fatores de ordem ambiental. Além disso, a

² Para fins de simplificação da leitura, usaremos doravante a sigla "LASC" para nos referirmos ao Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura – do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

noção de Ambiência não pode ser reduzida a uma soma de fatores isolados, já que ela é que unifica e preenche de significados todo suporte espacial.

O conceito Ambiência (Augoyard, 2009; Duarte et al., 2007; Thibaud, 2004; Tixier, 2004) é mais facilmente obtido por meio da observação das ações cotidianas nas cidades; das “pequenezas” do dia-a-dia, na qual as identidades dos usuários se ancoram, se constroem, se remodelam, se reinventam. Tudo o que nos cerca precede e remonta uma ambiência. Tudo o que nos rodeia é produzido por práticas sociais que, por suas atividades, definem o ambiente urbano. A ambiência, desta forma, funciona como um agente de ligação entre as diversas sensações experimentadas pelos usuários das cidades em uma dada situação (Pinheiro, 2004).

Figura 01: Arco do Teles, Rio de Janeiro: às vezes deparamo-nos com fotografias de espaços urbanos desprovidos de pessoas, como se as cidades fossem feitas apenas de tijolos e pedras



Fonte: fotografia de Mariana Souza, 1997

Figura 02: Arco do Teles, desenho de Jano: alguns artistas conseguem retratar algo próximo do conceito de Ambiência, já que a dinâmica das ruas, os sons de um grupo de chorinho, o burburinho de vozes, os cheiros, o vento, o calor [do clima e calor humano] fazem parte, também, da configuração dos Lugares



Fonte: disponível na internet aberta em:
www.youtube.com/watch?v=YEz9JyXKoss

Se através da compreensão de ‘ambiência’ os espaços passam a se estruturar com valor próprio a cada indivíduo, é através do *uso* de tais espaços que a experiência cotidiana fundamenta diversas subjetividades. Através do deslocamento e da participação coletiva, o espaço se substantiva. Esses deslocamentos trazem à tona a memória viva e narrada por seus habitantes, inscritas numa ‘arqueologia do urbano’; memórias que se materializam nas construções mentais que articulam o passado e o presente de nossas cidades.

Por isso, sobre todas as definições complementares, o processo valorativo por que a ambiência é interpretada gera a maior completude do conceito.

A ambiência torna-se, assim, imprescindível para a validação dos discursos pautados na experiência sensível das cidades e na produção de projetos igualmente vinculados ao valor corpóreo; as ambiências representam o espaço, arquitetonicamente organizado e animado, que constitui um meio físico e, ao mesmo tempo, meio estético ou psicológico, especialmente preparado para o exercício de atividades humanas – que por sua vez constroem um processo dinâmico de interpretação dos espaços.

No presente texto buscaremos delinear o conceito de ambiência em relação aos conceitos de alteridade e afeto ao Lugar. Não nos proporemos a detalhar a metodologia de pesquisa que temos desenvolvido em nosso grupo de pesquisa, a “etnotopografia”³, que será aqui apenas pincelada por já ter sido descrita em outras oportunidades. Faremos, em seguida, um breve inventário da recente produção dos pesquisadores do LASC.

Da mesma forma, alguns conceitos já explorados antes – e que permeiam nossos trabalhos – não serão aqui descritos por já terem sido exaustivamente apresentados em artigos e livros de autoria de nossos pesquisadores⁴. Dentre esses conceitos já descritos em outros textos teríamos: memória, identidade, experiência espacial, moldagem do Lugar.

Seja como for, o que temos em comum em nossas pesquisas é a certeza da supremacia da sensibilidade do pesquisador experiente e treinado em suas análises qualitativas sobre os dados quantitativos. A prática de ler os espaços da cidade, ouvir as narrativas do lugares, entender as reações dos usuários e o impacto das culturas e subjetividades às formas espaciais tem se mostrado uma estratégia extremamente rica e . Com isso, acredita-se estar enriquecendo e alargando as possibilidades de compreensão da relação pessoa-ambiência

³ “etnotopografia” é o termo cunhado pelo LASC para definir conjunto de métodos de análise dos Lugares urbanos com base em metodologias de cunho etnográfico/ cultural/ qualitativo. Para detalhes ver Duarte (2013) ou relatório de nosso trabalho desenvolvido sob chancela do CNPq sob o título: “Análise Etnotopográfica do Lugar: explorando possibilidades metodológicas” para o Edital Universal 2008.

⁴ Ver, por exemplo: Duarte, Brasileiro, Santana, Paula, Vieira & Uglione (2007)

sensível, e criando subsídios para novos paradigmas de intervenção na área da Arquitetura e do Urbanismo.

PERCURSO CONCEITUAL

Os conceitos de *Alteridade*, *Afeto* e *Ambiência* são quase impossíveis de se classificarem isoladamente. A interligação entre essas noções é fundamental para a compreensão das experiências sensíveis na construção de sentimentos e de sentidos de pertencimento dos usuários das cidades. O "estar com o Outro" é condição *sine qua non* para que as pessoas sintam-se integrantes e integradas nas ambiências urbanas, conformando territórios e proporcionando sentimentos de pertencimento.

A fim de estabelecer uma base conceitual que norteie este trabalho, discorreremos brevemente sobre a interpolação desses conceitos, dois-a-dois:

Ambiência + Alteridade

O estudo das ambiências, ao se debruçar sobre o conjunto de aspectos sensíveis e dinâmicos dos lugares, assim como de seus usuários, abre possibilidades de compreensão das experiências sensíveis das cidades, apontando para novas maneiras de pensar e atuar sobre o meio urbano.

Ainda, uma vez que a dimensão sensível é inerente à ambiência, torna-se impossível estudá-la sem considerar a presença do corpo: é o corpo que sente; sem ele não há percepção nem tampouco movimento a ser considerado. Dessa forma, compreende-se que os processos de apropriação do local urbano passam pelo reconhecimento da realidade sensorial das ambiências da cidade.

O corpo é o aparelho sensível que capta a percepção do mundo com o qual interagimos, ouvimos os sons distintos que caracterizam locais urbanos, sentimos seus cheiros, sua luz, suas cores, suas diferenças de temperatura e de velocidade do vento batendo na pele. Por meio dos sentidos situamos nosso corpo nessa atmosfera urbana. Ter consciência dessa atmosfera e reconhecê-la em seu suporte espacial propicia a experiência e a interação na ambiência.

Sentir-se inserido em uma ambiência é também ter consciência situacional em relação à realidade que nos envolve. Assim, pode-se dizer que esse reconhecimento acontece numa “via de mão dupla”: o corpo penetra na ambiência mas esta ambiência penetra em nossa consciência situacional. Quando o processo cognitivo resultante dos estímulos sensoriais estabelecem as relações entre o eu-no-corpo e o ambiente, dá-se um processo de reconhecimento da realidade local, tornando o local apto a ser apropriado. Quanto mais multissensorial for a relação que a ambiência permite à pessoa, maior será a atribuição de valores – positivos ou negativos – a ela.

Afeto + Ambiência

Costuma-se relacionar o termo “afeto” com um sentimento de simpatia em relação a alguma coisa. No entanto, ao entrelaçarmos esse conceito com a noção de ambiências, podemos pensar em afetividade como uma possibilidade de afetar-se com o Outro, podendo este Outro ser, inclusive, um lugar, uma cidade, e não necessariamente uma pessoa. O Outro é o diverso, o não-eu.

Para Lévinas (apud Alencar e Freire, 2007), o Outro é aquele que me afeta. Sendo assim, quando se busca uma alteridade ética, não é possibilitado pensar que a construção da subjetividade se dá somente por um processo ativo do eu sobre o outro, já que na lógica levinasiana me constituo pelo “traumatismo” (pela afetação) que o Outro provoca em mim. (ALENCAR; FREIRE, 2007). Neste sentido, é necessário adotar uma postura mais coletiva e ativa para se compreender as ambiências em toda a sua potencialidade

Assim, quando dizemos que nos afeiçoamos a um Lugar não estamos englobando todas as possibilidades de apreensão das diversidades culturais, sensoriais ou subjetivas que as ambiências podem proporcionar quando somos levados a declarar que “o lugar nos afeta”. Ou seja, quando a afetividade é entendida como um impulso, como potencialidade, como ação. Esse fato vem fundamentar melhor o pressuposto daquilo que consideramos ambiências.

Uma ambiência, da forma como é desenvolvida por Thibaud (2004), também nos leva a refletir sobre experiência, percepção e ação situadas em determinados

contextos. O autor argumenta que a percepção não pode ser estudada separada das reais condições em que ela acontece. “É necessariamente apreendida no ambiente construído, nos fenômenos sensoriais e nas ações contínuas que a tornam possível.” (Thibaud, 2004, p.349).

Ao nos apoiarmos nesta linha de raciocínio, retornamos ao conceito da experiência ambiental das pessoas em sua apreensão dos urbanos. A mobilidade, do ponto de vista de situações de percepção situada, também envolverá sentimentos nos percursos feitos. Assim, a diversidade de fenômenos fornece um conjunto de sensações e de percepções que fazem com que o ambiente urbano seja dotado deste poder de mobilização capaz de gerar medos e inseguranças, mas também emoções e afetos que se materializam no Lugar.

Já ressaltávamos em outros trabalhos anteriores (Duarte et al, 2011) a capacidade que as ambiências têm na evocação da memória sensível dos Lugares, memória esta que é capaz de transportar o usuário para reconhecimento sensível e, em seguida, afetivo.

Pode-se então dizer que essa memória evocada a partir do reconhecimento sensível e que faz aflorar o afeto se desprende de uma troca, de uma relação ativa com o Lugar (Lira, 2013). Este é um dos sintomas mais discutidos e – efetivamente – produzidos nas áreas centrais em todo o mundo atual, como Elali (2009) nos mostra. Torna-se possível compreender, assim, que quanto mais diversificadas forem as ambiências e as “afetividades” nos espaços públicos, maior é o sentimento de apego por parte dos sujeitos que usufruem das experiências cotidianas dos lugares, apego este que pode ser apontado como uma das molas propulsoras da vida nas cidades.

Jacobs (2000) diz que as pessoas preferem sempre o movimento das ruas, o contato com outras pessoas e não o sossego pensado pelos projetistas. Segundo ela: “Quanto mais estranhos houver na rua, mais divertida ela será”. (2000, p.). De fato, o morador que se deixa afetar a partir do reconhecimento do Outro é um ser sensível (no sentido mais plural da palavra), que não se sente inseguro diante do diferente, pois permite ser parte deste diferente e

imprime um ar hospitaleiro nas ambiências por ele também constituídas, na medida em que não somente aceita, mas tolera o outro, na multiplicidade de ambiências que compõem o urbano.

Alteridade + Afeto

Como já exposto em trabalhos anteriores, algumas ambiências estreitam o vínculo do indivíduo com o Lugar (Duarte et al, 2011), permitindo que se desenvolva um sentimento de pertinência, de pertencimento, que se adere ao processo identitário do sujeito. A identidade é construída por meio de um contraponto de igualdades e diferenças, e é sempre ancorada em um suporte espacial.

Já a alteridade significa a aceitação da existência de outras identidades além da minha. Assim, a presença do Outro é constantemente lembrada por meio de sensações diversas que conformam as ambiências dos lugares. Esse Outro presente na cidade não é apenas constituído de seus habitantes, mas também da ambiência criada por estes.

O lugar do Outro permite que conheçamos um pouco sobre o nosso próprio lugar. Permite acolher o que nos é diferente e reconhecer a nós mesmos como integrantes de uma sociedade urbana, representada pelas ambiências que desnudam nossas sensações. A alteridade permite nos posicionarmos diante da nossa identidade com a cidade em que vivemos, decapitada de seus marcos ou dilacerada por inúmeras intervenções.

O compartilhamento de uma ambiência estrutura uma identificação pessoal que pode favorecer os processos de apropriação do Lugar por meio da ação. Apropriar-se do espaço demanda do sujeito uma ação impressa (componente comportamental) e um reconhecimento desse mesmo sujeito no produto desta ação (componente simbólico) (Alencar e Freire, 2007, p. 311).

MÉTODOS

A fim de abarcar, da melhor maneira possível, toda a riqueza contida no espaço arquitetônico e urbano, o LASC vem há alguns anos desenvolvendo

metodologias de compreensão e análise das ambiências urbanas. Neste ínterim, desenvolvemos métodos transdisciplinares que possuem uma forte base nas ciências sociais, principalmente na antropologia cultural e na psicologia ambiental, que chamamos de análise etnotopográfica.

Os métodos desenvolvidos e selecionados em nossas estratégias de investigação são geralmente aplicados na busca da compreensão das relações subjetivas e culturais de afeto entre os usuários das cidades e as ambiências sensíveis, buscando o esclarecimento das formas de construção identitária a partir do reconhecimento do Outro.

Assim, é comum que nossas ações metodológicas se voltem majoritariamente para a observação dos processos de apropriação, dos comportamentos e usos passíveis de dar caráter ao local. Sendo assim, é importante que o pesquisador esteja imbuído de uma grande sensibilidade para a observação participante atenta, com anotações e registros gráficos das mudanças ocorridas. Para profissionais de projeto arquitetônico e urbanístico, a consciência de tais modificações pode trazer valiosos insumos ao planejamento das cidades, e para isso, o estudo e aprofundamento do conhecimento das ambiências urbanas também se torna um poderoso instrumento.

Nem sempre, contudo, a metodologia desenvolvida pela equipe de pesquisa se mostra suficiente para dar conta de todas as respostas suscitadas e, geralmente, costumamos complementar as investigações com o uso de ferramentas antigas, já consolidadas ou em desenvolvimento por parte de outros grupos de pesquisa no Brasil ou no exterior. Eventualmente se faz necessário, também, o apoio de levantamento de dados qualitativos, a fim de criar algum respaldo concreto ou verificar tendências a serem avaliadas mais com nossa metodologia qualitativa.

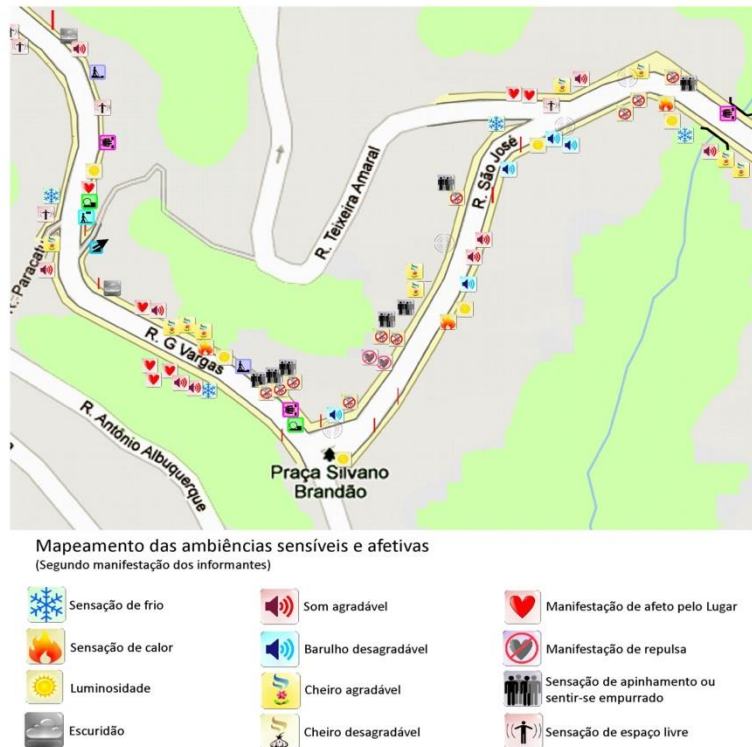
Apontamos algumas ferramentas metodológicas utilizadas em nosso campo:

Mapeamento de manifestações

A ferramenta “Mapeamento das Manifestações” consiste em espacializar em planta baixa, gráficos ou desenhos as manifestações de afeto, as relações

interpessoais ou qualquer outro evento social que ocorra em campo. Possivelmente os resultados de uma pesquisa tradicional seria fornecido em estatísticas numéricas, mas, para o arquiteto pesquisador a realidade é mais legível por meio de registros gráficos. Esses registros, por sua vez, fazem emergir situações que podem ser exploradas mais a fundo numa fase posterior da pesquisa.

Figura 03: exemplo de uma variação da ferramenta “mapeamento das manifestações” aplicada em uma rua de Ouro Preto, MG



Fonte: Melo, 2013

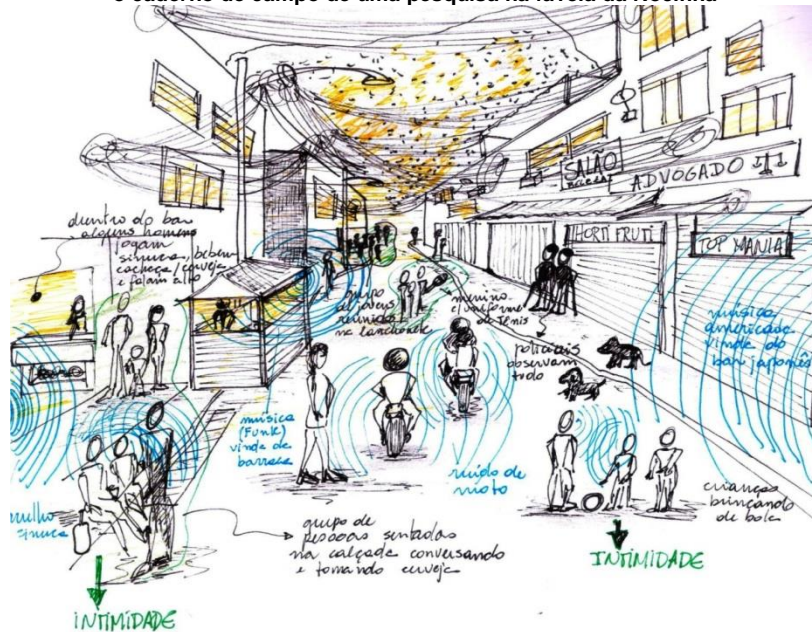
Arquivo Mnemônico do Lugar

Todo espaço possui uma história (Jodelet, 2002), e pode contar (incontáveis) histórias. Esta metodologia desenvolvida no âmbito do grupo LASC baseia-se numa abordagem narrativa e na força comunicadora da memória dos visitantes e moradores da cidade (Uglione, 2008). Nessa ferramenta os relatos são escritos e trabalhados a partir das metáforas presentes nos depoimentos dos narradores – num exercício de trama do texto dos relatos – quando os lugares de outrora são “revisitados através do véu das lembranças” e fazem emergir os valores e significados dos lugares da cidade (Pinheiro e Uglione, 2012)

Croquis de campo

O croquis de campo não se limita a relatos escritos em caderno de campo, mas contém um conjunto de desenhos que possui inestimável valor analítico. Sua elaboração em campo pode ser considerada tanto como uma ferramenta de observação ou como uma ferramenta de análise. Como uma adaptação metodológica baseada nos trabalhos de Cosnier (2001) e Oliveira Filho; Duarte; Santos (2002). É importante ressaltar que um estudo gráfico-visual permite que as informações surjam de forma mais evidente aos olhos do pesquisador, facilitando sua compreensão e permitindo sua análise mais detalhada (como mostraram Brasileiro, 2007 e Carvalho 2013, por exemplo).

Figura 04: exemplo de um dos muitos “croquis de campo” que complementou o caderno de campo de uma pesquisa na favela da Rocinha



Fonte: Carvalho, 2013

Vídeo etnográfico das ambiências

Como os deslocamentos, embalados pelo sabor das ambiências, constituem relações dinâmicas de penetração no espaço, essas relações são dificilmente captadas por métodos tradicionais de pesquisa urbana. Tais procedimentos acabam por perder ou desconsiderar detalhes que eram, no entanto, fundamentais para a análise das ambiências. Desenvolvido na tese de Paula (2008), o vídeo etnográfico, seja como instrumento de observação, transcrição e interpretação de realidades sociais ou instrumento de ilustração e difusão das

pesquisas, o conjunto imagem-som-movimento, recolhido em tempo sincronizado, é um excelente meio para a captação e exame da experiência humana na ambiência.

Para contemplar as metodologias em uso, e como forma de cristalização dos saberes, a dinâmica de trabalho do LASC contempla workshops e reuniões de grupo, nas quais são discutidos os resultados e traçadas estratégias para as etapas seguintes das pesquisas. Diversos trabalhos de mestrado e doutorado se beneficiam dessa dinâmica, uma vez que os pós-graduandos utilizam a metodologia em seus estudos de caso.

É prática usual de nosso grupo de pesquisa a divulgação dos resultados parciais e finais da investigação, a fim de submeter o trabalho à apreciação da comunidade científica, para críticas, contribuições e para o avanço do pensamento crítico em nossa área.

ALGUNS CAMINHOS TRAÇADOS

Se para nós uma ambiência se configura através do elemento humano – repleto de sentimentos, sentidos e complexidades – é também por meio dela que podemos formar vínculos entre o grande campo da ciência arquitetura e de outros conceitos que se suportam no caminho da pesquisa ‘sensível’, ou seja: subjetividade, cultura, alteridade, segurança, hospitalidade e afetividade.

É essa cidade narrada, essa cidade criada, inventada e construída pelos traços culturais impressos nela que formam o constructo que denominamos ‘cidade’ (Pinheiro, 2010), que tomamos como objeto dos estudos que desenvolvemos no LASC. Nossas pesquisas possuem em comum a busca pela compreensão dos fatores que fazem emergir as formas de reconhecimento do Outro e das construções indentitárias. Possuem em comum, também, a metodologia que, como dissemos mais acima, se abre num leque interdisciplinar pautado nas ciências sociais e humanas. A junção de metodologias interdisciplinares tem se mostrado imprescindível para uma quantidade ilimitada de avaliações, análises e também para uma composição projetual do ambiente construído, em um

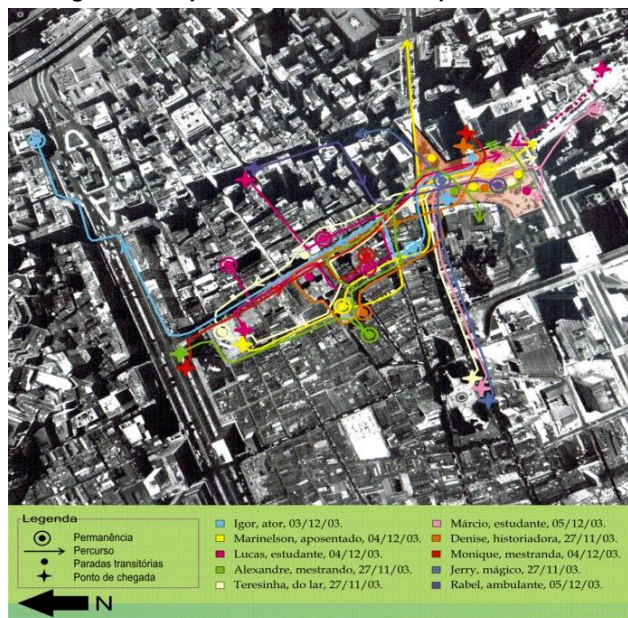
mundo cada vez mais dinâmico e onde cada vez menos se pode permitir desconsiderar o efeito da subjetividade.

Mas os pontos comuns param por aí, pois a grande diversidade de temas e objetos de estudo aponta para resultados muito abrangentes que se multiplicam por uma grande possibilidade de conjugações entre os estudos sobre as ambiências, complexa por sua natureza.

Ao serem formuladas, entre outras coisas, por elementos físicos, morais, culturais, afetivos e pela experiência sensível no ambiente construído, as ambiências recebem uma grande contribuição da diversidade existente no meio urbano e asseguram um qualitativo espacial que funciona como ‘choque de ordem’ para a manutenção do cotidiano.

Para citar algumas produções recentes, estas, articuladoras de metodologia baseada na compreensão sensível das cidades, iniciaremos comentando o trabalho de mestrado de Pinheiro (2004), que lidou com alguns aspectos de forma/uso/significado em um espaço público do Rio de Janeiro, o Largo da Carioca, comprovando que o valor simbólico, afetivo e significativo de um lugar de passagem se reflete de forma direta nos modos de apropriação e na imagem apreendida deste espaço, muitas vezes traçada por aspectos de alteridade.

Figura 05: Mapa analítico de rotas de ‘pertencimento’.



Fonte: Pinheiro, 2004

Cercando suas abordagens na temática da cultura e da memória, o caminho ao doutorado (2010) levou-a a pesquisar o oposto da descoberta anterior: os motivos por que as cidades e seus fragmentos tornam-se diluídos frente a uma imagem globalizada de metrópole e a uma perda da noção de alteridade na sociedade contemporânea; mais ainda, por que a ideia de cidade resvala em tantas associações que culminam por determinar uma constante desterritorialização de seus espaços.

Por sua vez, a tese de doutorado de Brasileiro (2007) se aprofundou nas questões culturais no uso dos ambientes de trabalho – escritórios e suas ambiências. Sua pesquisa de campo, de vertente etnográfica, desenvolveu uma metodologia própria de interpretação dos significados de arranjos espaciais que demonstravam níveis diferentes de poder e hierarquia; de pertencimento a um grupo com senso de coletividade refletido no suporte espacial; de níveis de incerteza sobre o comportamento alheio, fazendo com que os ambientes fossem preparados para evitar tais situações; e de evidências físicas, permanentes ou não, dos diversos níveis de apropriação e personalização do local de trabalho.

Já a tese de doutorado de Silva (2012), direcionada para a avaliação de imóveis, propôs uma modificação à metodologia existente, trazendo o olhar do arquiteto às habitações em edifícios multifamiliares e a conversão de seus aspectos arquitetônicos em gradações valorativas para compor o seu valor de mercado. Foram analisados diversos conceitos à luz da Arquitetura e das Ambiências, que ao recaírem sobre a formação do valor de mercado do imóvel, influenciavam nos números finais. A análise se constituiu em um enriquecimento dos fatores considerados na avaliação, antes restrita a quatro ou cinco, e posteriormente, a quase trinta, todos relacionados às características arquitetônicas do imóvel e urbanísticas de seu entorno, formando uma nova metodologia de avaliação de habitações.

A dissertação de mestrado de Castellano (2012), por sua vez, mostrou a relação dos espaços religiosos formalmente constituídos com as materializações ‘abstratas’ das culturas afrodescendentes e as lógicas dominantes nestes espaços de culto. Através da análise das ambiências, a

pesquisa sondou aspectos culturais e subjetivos que permitem novas formas de apropriação e afetação, além de uma diversidade de leituras de um mesmo espaço (construído ou não), favorecendo muitas a compreensão das diversas reordenações espaciais ligadas à ordem do 'sagrado'.

Ainda, o trabalho de mestrado de Carvalho (2013), pautado numa abordagem subjetiva do espaço urbano, buscou analisar ambiências noturnas em cenários do Rio de Janeiro a partir da percepção do indivíduo perante o Outro - sujeito ou espaço - diante de uma temporalidade diversa, constituída de elementos "invisíveis" e imaginários, que possibilitam a ressignificação da urbe enquanto Lugar de afeto. E a dissertação de mestrado de Melo (2013), com base em um leque metodológico interdisciplinar, procurou compreender a relação de afeto que a pessoa com deficiência desenvolve para com uma cidade histórica, tendo por estudo de caso a cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais.

De igual modo destacam-se pesquisas de pós-doutoramento nos últimos anos. De um lado, Cohen (2012) teve por objetivo fornecer subsídios para a adaptação dos espaços dos museus brasileiros de forma a torná-los acessíveis a todos e, em especial, atender às necessidades das pessoas com deficiência. Nesse trabalho, a ambiência é vista como condicionante do deslocamento do corpo deficiente, condicionando também sua própria deficiência e fazendo emergir a questão da sensorialidade e do afeto para a construção da identidade e da subjetividade em espaços dessa natureza. Numa outra vertente, Uglione (2013) tem analisado o papel da Memória e das Ambiências Urbanas nos processos e movimentos de transformação das cidades. Através do conceito de 'Lugares Traumáticos' a pesquisadora busca conhecer a potencialidade que as transformações arquitetônicas numa cidade têm para recriar novos sentidos e significados para as ambiências, para a relação das pessoas com os lugares e para a vida urbana como um todo. O instrumento de pesquisa Arquivo Mnemônico do Lugar é o principal suporte metodológico do projeto, cujos procedimentos foram revisados e adaptados para pesquisas em memória e ambiência do lugar.

As pesquisas em andamento no momento em que redigimos este texto também se pautam na base metodológica e conceitual desenvolvida pelo LASC.

Este é o caso da pesquisa de Lira (2013), que tem se debruçado sobre a compreensão do bordejar (movimento de composição de bordas) nas dinâmicas de constituição das ambiências urbanas, a partir da avaliação das relações de borda e suas ‘microvilosidades’, que caracterizam graus de permeabilidade seletiva. Fazendo uma associação metafórica com as células biológicas, a pesquisadora se propõe a investigar as ambiências enquanto “células urbanas-humanas”, abordando o afeto enquanto força motriz das trocas e dos compartilhamentos nestas. Acredita que é necessário ‘afetar-se’ bem como ‘afetar’ as ambiências urbanas quando experimentadas, para que seja possível se estabelecer uma prática recíproca e, por consequência, aquilo que denomina como “recipro-cidades”.

Da mesma forma, o trabalho de Vilaça (2013) explora os fatores que promovem o Estresse Ambiental em terminais e aeroportos, tendo como estudo de caso o aeroporto Santos Dumont. A redefinição do conceito de Estresse Ambiental, para os dias atuais, a alteridade, o afeto, bem como a exploração de ferramentas metodológicas são objetivos que convergem com os esforços desenvolvidos pelo LASC. A experimentação de perspectivas aliadas à dimensão sensível, além de possibilitar a formulação de novas perguntas, contribui para o campo interdisciplinar explorado pelo grupo de pesquisa.

Figura 06: Sondagem etnográfica pela área de embarque do aeroporto Santos Dumont.



Fonte: Vilaça, 2013.

Wagner (2012/2015) investiga as dimensões subjetivas de espaços construídos para demonstrar 'identidade' a partir da análise de portarias de edifícios residenciais, partindo de três características/funções principais: segurança, comunicação e passagem. Estão sendo estudadas as significações deste ambiente e suas funções e representatividades simbólicas sob o ponto de vista do morador e dos visitantes, além da alteridade entre estes sujeitos, apontando diferenças e ou semelhanças entre o que se deseja aparentar e o que é realmente percebido neste espaço.

Finalmente, no trabalho de Costa (2012/2015) é estudada a relação entre Arquitetura e Educação, baseada na percepção plena da arquitetura pelos sentidos e na empatia possibilitada pela ambiência como fatores que favorecem o processo pedagógico e que, portanto, devem ser considerados na concepção do edifício escolar. Acredita-se que a acessibilidade está voltada a aspectos emocionais e intelectuais, para além da vertente espacial ou comunicacional, caracterizando a "Acessibilidade Plena", sendo este um conceito trabalhado pelo grupo Pró-Acesso.

Cabe frisar que as investigações do LASC estão inseridas em uma rede internacional de pesquisa sobre as Ambiências, a "ambiances.net", criada por iniciativa do Laboratório de pesquisa CRESSON, da Escola Superior de Arquitetura de Grenoble, na França. Tal rede internacional tem buscado unir estudiosos, planejadores e laboratórios de pesquisa de vários países do mundo em torno desse campo do saber. Atualmente, fazem parte da rede algumas equipes ligadas a universidades, centros de pesquisa e organismos de planejamento do espaço urbano originários de diversos países, além de um grande número de pesquisadores individuais.

SEM UM PONTO FINAL

Podemos, agora, ponderar sobre o estágio atual em que se encontra a arquitetura: o estado sensível. Sensibilidade é questão de interesse na cidade contemporânea e nos produtos advindos das pesquisas e análises em arquitetura; e, mais, pensar 'urbanamente' significa pensar em subjetividades/sensibilidades ancoradas em espaços de uso específico.

Fomentar novas formas de se explorar tais espaços (de fato, explorar ambiências) e desenvolver ferramentas que ‘fabriquem’ um novo sistema investigativo de tais questões é emergencial.

No início deste texto convidamos o leitor a pensar sobre ‘ambiência’ e construir uma imagem mental de uma cena cotidiana em uma cidade qualquer, num dia chuvoso e úmido. Pela experiência de nossas pesquisas nos arriscamos a apostar que a grande maioria de nossos leitores terá se apoiado em alguma lembrança, ou a algum canto de um bairro onde viveu durante sua infância, para iniciar o processo dessa construção imagética.

Com isso, unimo-nos a Jodelet (2002) para lembrar que toda memória está sempre ancorada em algum suporte espacial. É verdade, também, que este suporte espacial traz consigo não sua concretude física mas sua atmosfera poética e moral: sua *Ambiência*. O processo de evocar a memória sensível requer uma série de componentes estruturais de nossas mentes, envolvendo o afeto, nossos filtros culturais e a consciência de nossa própria identidade no mundo (Duarte et al, 2007).

Temos sustentado, dessa forma, que a concretização da ambiência nos processos de construção identitária é assunto que precisa ser explorado em diversas instâncias, pois possui rebatimentos diretos no campo da Arquitetura e do Urbanismo.

Os estudos descritos mais acima se inserem nessa perspectiva e partem do pressuposto de que ambiência “é coisa inerente a estar no mundo” (Augoyard, 2009). Buscam desvendá-las pelas narrativas, invenções e montagens que a relação homem-ambiente vai edificando cotidianamente. Assim, observação das práticas cotidianas tem se mostrado uma rica fonte de informação para o aprofundamento do estudo das próprias ambiências, que por sua vez, têm se afirmado como prática cada vez mais necessária para uma adequada composição projetual em Arquitetura e Urbanismo.

Temos ciência de que a visão abrangente e multissensorial proporcionada pelo estudo das ambiências pode alterar, não apenas o ensino de projeto, mas também o próprio processo de projeção, análise e reflexão sobre o espaço

urbano, que passaria a ser enriquecido com outras dimensões, não apenas físicas e cognitivas, mas afetivas e emocionais, contribuindo para o desenvolvimento de cidades ligadas aos anseios de quem a pratica.

Nesta dinâmica, abrem-se outras condições de produção e reprodução material e imaterial; a vivência do tempo e do espaço encontra possibilidades antes desconhecidas. Nesse complexo sistema, assistimos a uma multiplicação das condições de integração/ subjetivação/sensibilização do espaço físico e dele participamos ativamente, assim como nossos projetos de cidade e de vida.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, H. e FREIRE, L. O lugar da alteridade na Psicologia Ambiental. Revista Mal-estar e subjetividade. Fortaleza. Vol VII. No 2, p. 305-328, 2007
- AUGOYARD, J.F. "A comme Ambiance(s)". Les Cahiers de la recherche architecturale et urbaine. n°20/21, março p.33-37 - 2007
- AUGOYARD, J.F. L'espace Inaperçu. Rio de Janeiro: palestra proferida na sede do MEC-MinC, por ocasião do Colóquio 'AmbiancesenPartage – Ambiências Compartilhadas', duração de 70 min.em 03/11/2009
- BRASILEIRO, A.(2007). Rebatimento espacial de dimensões sócio-culturais: ambientes de trabalho. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU/UFRJ. Tese (Doutorado em Arquitetura).
- CARVALHO, N. M. Ambiências Noturnas: Arquiteturas e Subjetividades em Cenários Urbanos Cariocas. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU/UFRJ. 2013.
- CASTELLANO, C. - Agô, Inaê! Odoyá!: Arquitetura e Construção Cultural do Espaço dos Terreiros. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Proarq/FAU/UFRJ 2012
- COHEN, R. - Acessibilidade de Pessoas com Deficiência às Ambiências Museais do Rio de Janeiro: Ter Acesso, Percorrer, Ver, Ouvir, Sentir e Tocar. Relatório de pesquisa de pós-doutoramento. Faperj. Rio de Janeiro: Proarq/FAU/UFRJ, 2012
- COSNIER, J. L'éthologie des espaces publics. In : THIBAUD, J.-P.; GROSJEAN, M. (Orgs.). L'Espace Urbain en Méthodes. Collection Eupalinos, Marseille: Éditions Parenthèses, 2001
- COSTA, A. - Por um edifício escolar inclusivo: relações entre a arquitetura e alunos com deficiência – estudo de caso no Instituto Federal Fluminense – Relatório parcial de pesquisa de doutoramento. Proarq/ UFRJ para o triênio 2012/2015
- DUARTE, C. R. ; COHEN, R. ; SANTANA, E. ; BRASILEIRO, A.; PAULA, K. de ; UGLIONE, P. . Exploiter les ambiances: dimensions et possibilités méthodologiques pour la recherche en architecture. In: Augoyard, J-F. (Org.). Faire une ambiance., 2011
- DUARTE, C. R.; BRASILEIRO, A.; SANTANA, E. P.; PAULA, K. C.L. de; VIEIRA, M.; UGLIONE, P. O Projeto como Metáfora: explorando ferramentas de análise do espaço construído. In: Duarte, C.R.; Rheingantz, P.A.; Bronstein, L.; Azevedo. O LUGAR DO PROJETO no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro, Contra Capa / PROARQ - pp.504-519. (2007).
- DUARTE, C.R. Intervention Publique et Dynamique Sociale dans la Production d'un Nouvel Espace de Pauvreté Urbaine: Vila Pinheiros, à Rio de Janeiro. Paris : Sorbonne I [Thèse de Doctorat de l'Université de Paris-I Sorbonne]. (1993).
- DUARTE,C.R. - Moldagem do lugar, remodelagem do olhar. In: Duarte, C.R. e Villanova, R.: Novos Olhares sobre o Lugar: ferramentas e metodologias, da arquitetura às ciências sociais. Rio de Janeiro, Contracapa, 2013.

ELALI, G. A. Relações entre comportamento humano e ambiência: uma reflexão com base na psicologia ambiental. In: Anais do Colóquio Ambiências Compartilhadas. Rio de Janeiro: ProArq - UFRJ, 2009

JACOBS, J. Vida e Morte de Grandes Cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JANO (Jean Leguay) ilustrações disponíveis em: www.sites.google.com/site/bdjano/home e / ou www.youtube.com/watch?v=YEz9JyXKoss

JODELET, D. "A Cidade e a Memória". In: DEL RIO, V.; DUARTE, C.R.; RHEINGANTZ, P. (org) Projeto do Lugar – Colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002 – pp. 31- 44

LIRA, E. Por uma recípro-cidade: percorrendo bordas através de um olhar sensível às ambiências urbanas. Memorial de Qualificação. Proarq/ UFRJ. Rio de Janeiro. 2013

MELO, N. R. de. Pelos percursos da acessibilidade: afeto e apropriação nas ambiências de uma cidade histórica. Estudo de caso em Ouro Preto, MG. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: PROARQ/FAU/UFRJ, 2013.

PAULA, K. C. L. de. Pela Câmera: delineamento metodológico de uma etnotopografia dinâmica.. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Rio de Janeiro: PROARQ/FAU/UFRJ, 2008

PINHEIRO, E. A Cidade no Fragmento: lugar e poiesis no Largo da Carioca. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Proarq/FAU/UFRJ, 2004

PINHEIRO, E. -Cidades-entre: dimensões do sensível em arquitetura ou a memória do futuro na construção de uma cidade. Tese de doutoramento. Rio de Janeiro: Proarq/FAU/UFRJ, 2010

PINHEIRO, E. e UGLIONE, P. La ville: nouvelle sensibilité et mémoire du futur. In: VILANOVA, R.; DUARTE, C.. Nouveaux regards sur l'habiter. Editions Le Manuscrit: Paris, p. 155- 168, 2012.

OLIVEIRA FILHO, E. R. ; Duarte, C. R. ; Santos, A. L. « Cenários Sociais na Happy-Hour: Uma Análise de Práticas Sociais Urbanas no Centro do Rio de Janeiro". In: Del Rio, V.; Duarte, C.R.; Rheingantz, P.A.. (Orgs.). Projeto do Lugar - Colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo. Contracapa. Rio de Janeiro, 2002, p. 373-378

SILVA, O. - A arquitetura como fator valorativo dos imóveis: a inclusão de parâmetros arquitetônicos e urbanísticos no Método Comparativo Direto de Dados de Mercado para apartamentos. Tese (Doutorado), Rio de Janeiro: PROARQ/FAU/UFRJ. 2012

THIBAUD, J.P. O Ambiente Sensorial das Cidades: para uma abordagem de Ambiências urbanas. In: Tassara, E. T. O; Rabinovich, E.P.; Guedes, M. C. (Eds.). Psicologia e Ambiente. São Paulo: Educ, 2004.

TIXIER, N.. La Dynamique des Cheminelements: Modèles et Récits. In: Amphoux, P.; Thibaud, J.P. & Chelkoff, G.. Ambiances En Débats. Bernin: À La Croisée, 2004.

UGLIONE, P. - Memória e Ambiências Urbana: ampliando campos de pesquisa e de intervenção. Relatório de pesquisa de pós-doutoramento . Faperj. Rio de Janeiro: Proarq/FAU/UFRJ, 2013

UGLIONE, P. - Arquivo Mnemônico do Lugar: memória e histórias da cidade. Tese (Doutorado). Proarq/UFRJ, 2008

VILAÇA, L.B. Ambiência em aeroportos: comportamento socioespacial humano em condições de estresse ambiental. Memorial de Qualificação Proarq/FAU/UFRJ, 2013

WAGNER, S. "Castelo, muralha e soleira: significados e dinâmicas das portarias de edifícios residenciais" – Relatório parcial de pesquisa de doutoramento. Proarq/FAU/UFRJ, 2012/2015